

Recebido: 29/11/2019

Aprovado: 08/01/2020

DOI: 10.26512/emtempos.vi35.28386

## **Guerra dos Cem Anos e Cruzadas: a literatura entre a verdade dos fatos e a verdade do sentido**

**Flávia Aparecida Amaral**

Doutora em História Social pela USP

Professora de História Antiga e Medieval na UFVJM

[flaviaamaral@hotmail.com](mailto:flaviaamaral@hotmail.com)

---

**Resumo:** Esse artigo tem como objetivo analisar a narrativa a respeito das Cruzadas em um texto literário escrito durante a Guerra dos Cem Anos: *Mélusine ou la noble histoire des Lusignan*. A obra, do final do século XIV, conta a origem de uma fortaleza e as aventuras da linhagem que lá se originou. Essa família, de fato, teve participação importante nas Cruzadas, tendo Guido de Lusignan se tornado rei de Jerusalém em 1186. No *roman*, as lutas no Oriente contra os infiéis tem um notável destaque, ocupando, aproximadamente, dois terços da obra. Pretendemos discutir essa evidência apresentando uma reflexão de caráter comparativo e analítico entre o episódio histórico - a ida dos Lusignan às Cruzadas, no século XII – e a forma como as batalhas dessa linhagem contra os muçulmanos foram descritas por Jean d'Arras nesse texto de 1392. As várias incongruências entre o evento histórico e o que é apresentado no *roman* nos levam a crer que ao narrar esse episódio Jean

d'Arras não tinha em mente as Cruzadas de 200 anos antes. Sua referência, ao que parece, era a relação entre os cristãos e os infiéis em seu contexto: Guerra dos Cem Anos, final do século XIV. A partir dessa constatação instigante pode-se refletir como a narrativa medieval recorria a eventos passados, a partir de um específico *regime de historicidade*, no qual a verdade do sentido ocupa um lugar mais relevante do que a verdade dos fatos.

*Palavras-chave: Cruzadas; Guerra dos Cem Anos; Romance de Melusina.*

**Resumé:** Cet article vise à analyser le récit des Croisades dans un texte littéraire écrit pendant la Guerre de Cent Ans: *Mélusine ou la noble histoire des Lusignan*. L'œuvre, datant de la fin du XIVe siècle, raconte les origines d'une forteresse et les aventures de la lignée qui y est née. En fait, cette famille a eu une participation importante aux Croisades, Guy de Lusignan est devenu roi de Jérusalem en 1186. Dans le *roman*, les luttes à l'Est contre les infidèles ont une importance remarquable, occupant environ les deux tiers de l'œuvre. Nous avons l'intention de discuter cette évidence en présentant une réflexion comparative et analytique entre l'épisode historique - le voyage des Lusignan vers les Croisades au XIIe siècle - et la manière dont les batailles des Lusignan contre les musulmans ont été décrites par Jean d'Arras dans ce texte de 1392. Les diverses incongruités entre l'événement historique et ce qui est présenté dans le *roman* nous amènent à penser qu'en racontant cet épisode, Jean d'Arras n'avait pas en tête les Croisades 200 ans plus tôt. Sa référence, semble-t-il, était la relation entre chrétiens et infidèles dans son contexte: Guerre de Cent Ans, fin du XIVe siècle. De cette observation instigatrice, on peut réfléchir comment le récit médiéval a revisité les événements passés, d'un régime spécifique de l'historicité, dans lequel la vérité du sens occupe une place plus pertinente que la vérité des faits.

*Mots-clés: Croisades ; Guerre de Cent Ans ; Roman de Mélusine.*

## 1 - O *Romance de Melusina*, entre a literatura e a história

No ano de 1392, Jean d'Arras começa a escrever um romance a pedido do duque Jean de Berry, poderoso príncipe francês e conhecido mecenas da época. Ele havia encomendado uma obra para contar a história da origem da linhagem que fundou uma das fortalezas que tinha sob sua posse. No entanto, aquela não era uma história de

peças comuns. Os Lusignan seriam descendentes da fada Melusina que todos os sábados, segundo a lenda, se transformava em serpente da cintura para baixo. Com o compromisso de revelar a verdade sobre essa história, o autor constrói sua narrativa, que herda uma estrutura já conhecida, dos chamados ‘contos melusinianos’<sup>1</sup>, preenchida com referências, reflexões e ideias de diversos gêneros textuais da Idade Média. O texto traz elementos literários das canções de gesta, *lais*, crônicas, livros de cavalaria e tratados de moral, possuindo ainda passagens didáticas. Já seu prólogo e epílogo são mais filosóficos, apontando para ideias aristotélicas e discussões teológicas. Essas características fizeram com que o romance fosse considerado pouco uniforme e desproporcional, dada a impossibilidade de o enquadrarmos num gênero único. “Ao abrir esse romance não se deve esperar entrar em um conto de fadas”, lembra Vincensini (2003: 24), ele tem características mais próximas a uma crônica de pretensões históricas.

Os Lusignan, de fato, foram uma linhagem poderosa na França desde o século XI. Entre a Segunda e a Terceira Cruzada, no ano de 1186, Guido de Lusignan tornou-se rei de Jerusalém. Após perder o trono da Cidade Santa, ele acabou se envolvendo em outros conflitos que culminaram na sua coroação como rei de Chipre, função que foi exercida pelos Lusignan até o final do século XV. Na França, porém, a família havia se extinguido logo no início do século XIV: em 1308 Felipe, o Belo, anexava à Coroa o condado de La Marche e a fortaleza dos Lusignan. O *Romance de Melusina ou a Nobre História dos Lusignan* assume a responsabilidade, como o seu próprio título indica, de informar como os Lusignan haviam se tornado uma linhagem poderosa, recebendo uma pressão não apenas do mecenato, mas também da história de fato vivida pelos Lusignan. Assim, alguns elementos históricos são ajustados à narrativa, como o incêndio na abadia de Maillezais, provocado por Godofredo de Lusignan, e a própria ida às Cruzadas.

---

<sup>1</sup> Os *contos melusinianos* tem a seguinte estrutura básica: a união de uma fada e um mortal e a transgressão a um interdito, imposto pelo ser sobrenatural, que causa a separação do casal. Cf. VINCENSINI, 1996 e LECOUTEUX, 1978.

Coloquemos algumas questões introdutórias. Como e por que essa história foi evocada em meio à Guerra dos Cem Anos? Por que narrar a história de uma família já extinta na França? Poderíamos associar o interesse do duque de Berry pelo *Romance de Melusina* somente ao seu conhecido gosto por livros e histórias fascinantes?

O castelo de Lusignan, no Poitou, extremamente disputado naquela fase da Guerra dos Cem Anos, era uma obsessão para Jean de Berry. Os autores são unânimes quanto à importância dessa fortaleza para a França no final do século XIV<sup>2</sup>, assinalando também a necessidade de sua conquista para governar a região<sup>3</sup>, sendo uma das razões sua localização, já que ele estava situado em uma posição estratégica, na rota de Poitiers a Saint-Maixent, Niort e o mar. O duque de Berry liderou a reconquista do Poitou que voltou a pertencer à Coroa e lhe foi concedido, novamente, em apanágio<sup>4</sup>. Lusignan foi o castelo que mais resistiu. Os ingleses, aliados aos barões da região resistiram vigorosamente, o cerco durou de março de 1373 a julho de 1374. A partir de então, o castelo volta ao domínio real, tornando-se residência principesca. Porém, não há uma fixação de Jean de Berry nesta fortaleza, já que ele estava sempre viajando por seu apanágio, estabelecendo-se de tempos em tempos em cada um de seus castelos espalhados pela região.

O fato do *Romance de Melusina* ter sido parte das estratégias do duque Jean de Berry para tornar legítimo seu poder na região francesa do Poitou, no final do

<sup>2</sup> Cf. AUTRAND, 2000. VINCENSINI, 2003 e HARF-LANCNER, 1993.

<sup>3</sup> Harf-Lancner explica o motivo das intensas disputas entre ingleses e franceses pela fortaleza: “(...) sem Lusignan não se possui o Poitou”. (*op. cit.*, p. 29) Para Françoise Autrand “a história de Lusignan, do seu cerco e de sua tomada resume todas as dificuldades da reconquista e a inextrincável imbricação dos combates, do dinheiro, do poder e de seus homens”. (*op. cit.*, p. 137)

<sup>4</sup> Recebiam o nome de “domínios reais” os territórios administrados diretamente pelo rei. Desses domínios algumas porções de terra eram destinadas à doação para seus filhos mais novos. Essas terras eram chamadas apanágios e ficavam sob a administração dos príncipes até sua morte. O apanágio só poderia ser hereditário se o príncipe tivesse um filho homem, caso contrário, ele deveria voltar à Coroa. O Poitou já havia sido apanágio de Jean de Berry, que nem chegou a governá-lo em virtude da derrota da França na batalha de Poitiers, em 1356. Seu irmão, Carlos V, lhe deu a oportunidade de reaver o condado, contanto que ele o reconquistasse dos ingleses, o que ele conseguiu em 1374.

século XIV, já foi debatido por muitos autores<sup>5</sup>. Jean d'Arras ofereceu ao príncipe uma memória: para seu castelo e para si próprio. Os senhores de Luxemburgo eram tidos como descendentes de Melusina. Bonne de Luxemburgo, mãe de Jean de Berry, era aquela que o ligava à história dos Lusignan. “O livro é ao mesmo tempo testemunho da memória principesca e instrumento político social de sua verdade” (VINCENSINI, 2003: 23).

## 2 - O Romance de Melusina e as Cruzadas

Um elemento nos chama a atenção no *Romance de Melusina*: o episódio das lutas no Oriente contra os muçulmanos se destaca em relação aos outros. A ênfase dada ao episódio pode ser notada, em primeiro lugar, quando nos damos conta do espaço físico ocupado por ele. Em todo o *roman*, podemos distinguir dez partes principais: o Prólogo; a história de Presina e Elinas; o encontro de Melusina com Raimundo; a reconquista das terras na Bretanha; a ida de Guido e Uriã para o Oriente; as conquistas de Antônio e Renaud na Europa; as aventuras de Godofredo na Irlanda e no Oriente; a separação de Raimundo e Melusina; a história de Melhor e o castelo do Gavião e as aparições de Melusina.

Só o episódio das aventuras de Guido, Uriã e Godofredo no Oriente ocupam 69% do total da obra<sup>6</sup>. Uma vez confirmado o grande interesse por parte do autor no desenvolvimento desse episódio, podem ser colocadas algumas questões.

---

<sup>5</sup> A evocação da ancestralidade mítica dos Lusignan como forma de legitimação do poder de Jean de Berry já foi discutida por vários autores, dentre os quais: AUTRAND, *op. cit.* HARF-LANCNER, *op. cit.*, LE GOFF, 1979 e VINCENSINI, *op. cit.*

<sup>6</sup> Na edição francesa de 2003, os fatos narrados referentes às aventuras dos Lusignan no Oriente ocupam um total de 247 páginas. Como a obra possui 354 páginas, ignorando as páginas da tradução para o francês moderno, constata-se que o episódio ocupa mais de 69% de todo o livro.

Obviamente as conquistas dos Lusignan no Oriente relacionam-se a uma questão mais geral, fazendo parte de um amplo plano narrativo. O autor deve informar como a linhagem se espalhou pelo mundo fazendo-se gloriosa. Ao par Guido/Uriã sucede outro. Antônio e Renaud, dois outros filhos de Melusina, seguem viagem logo após os irmãos mais velhos, não para o Oriente, mas para se aventurarem pela própria Europa onde conquistaram Luxemburgo e a Boêmia. Trata-se de uma estratégia comum no estilo épico, narrar as glórias dos heróis obedecendo a uma forma evidenciada pela perfeita similitude dos episódios. Assim, como nas canções de gesta, as histórias de Uriã/Guido e Antônio/Renaud obedecem à ordem: vitórias, casamentos e nascimentos de herdeiros. Poderíamos então considerar o episódio das Cruzadas no *Romance de Melusina*, apenas como um pretexto, estratégia narrativa para glorificar os Lusignan?

Historicamente, como se sabe, Guido de Lusignan foi coroado Rei de Jerusalém em 1186. No entanto, o autor do *Romance de Melusina*, ao narrar as glórias dos Lusignan contra os muçulmanos no Oriente, dá ênfase à conquista de Chipre e da Armênia sem sequer mencionar o reinado sobre a Cidade Santa. Por que ela não teve importância para Jean d'Arras? Esse não seria o ápice do sucesso militar dos Lusignan? Como esse fato pôde ficar de fora do rol dos feitos gloriosos dessa família?

Se partíssemos do pressuposto de que a única função do episódio das lutas contra os muçulmanos no *Romance de Melusina* é exaltar os feitos dos Lusignan durante as Cruzadas, não podemos responder a esses questionamentos. O caminho para encontrar uma lógica nessa omissão passa por analisar quais os locais privilegiados como palco dessas batalhas e o conteúdo da narrativa. Devemos nos concentrar no fato de que ao celebrar as vitórias dos Lusignan sobre os infiéis, Jean d'Arras dá ênfase especial à conquista de Chipre e da Armênia. De acordo com o *Romance de Melusina*, Uriã se tornou rei de Chipre ao se casar com a única herdeira do rei da ilha. Fato semelhante ocorreu com seu irmão Guido: derrotou os muçulmanos na Armênia e se casou com a herdeira do trono, tornando-se rei.

Outra questão presente na narrativa, que nos leva a problematizar a função desses episódios no *Romance de Melusina*, é o motivo que teria levado os muçulmanos a investirem contra os cristãos. Uriã, interessado pela história do sultão de Damasco, quis saber o motivo que o levou à guerra contra o rei de Chipre. Um capitão que os acompanhava lhe explica:

Nosso rei tem uma filha belíssima, com idade de quinze a dezesseis anos, que o sultão queria para mulher, e nosso rei não a concederia a menos que ele se batizasse. Pois sabeis que sempre tivemos tratados de paz com o sultão e, nossos antecessores com os deles, desde tempos imemoráveis. Mas quando o sultão soube que o rei lhe recusava a filha, devolveu-lhe os tratados com uma declaração de guerra. (D'ARRAS, 2003: 326)<sup>7</sup>

Por que o interesse do sultão pela princesa cristã é colocado como principal motivo do conflito, substituindo a causa principal das Cruzadas, que era a disputa por Jerusalém? Outro problema é o fato dos muçulmanos serem os deflagradores do conflito. Por que essas batalhas assumem um aspecto defensivo, do lado cristão, no *Romance de Melusina*?

Tais evidências nos levam a crer que, ao narrar os confrontos dos Lusignan contra os muçulmanos no Oriente, Jean d'Arras não tinha em mente as Cruzadas de 200 anos antes. Sua referência, ao que parece, era a relação entre os cristãos e os infiéis em seu contexto: Guerra dos Cem Anos, final do século XIV. Para compreendermos o significado dessas batalhas no *Romance de Melusina* não devemos compará-lo com a ida dos Lusignan ao Oriente no final do século XII. Seria mais proveitoso colocar a atenção em um problema vivido durante todo o

---

<sup>7</sup> A edição utilizada neste trabalho foi realizada Jean-Jacques Vincensini, baseada no manuscrito da Biblioteca do Arsenal, confrontada pelo autor com todos os outros manuscritos, sendo as variações devidamente apontadas. O texto em francês antigo foi reproduzido na íntegra. Nesse artigo, as citações do texto tem tradução da autora com as passagens originais em francês antigo reproduzidas nas notas: "(...) Nostre roy si a une moult belle fille em l'aage de .xv. a xvi. ans que ly soudans a voulu avoir a femme. Et nostre roy ne lui a voulu accorder s'il ne se faisoit baptiser. Et sachiéz que nous et le soudant avons tous jours eu trieves et par devant de ses devanciers aux nostres, de si longtemps qu'il n'est memoire. Lors, quant le soudant a veu que nostre roy ne lui a voulu accorder as fille, il lui a renvoié les trieves avec une deffiance".

século XIV: o avanço dos turcos otomanos rumo ao Ocidente.

### 3 – Os turcos, os cristãos e a Guerra dos Cem Anos

Estabelecidos anteriormente nas proximidades do Mar Negro, os turcos otomanos foram vassallos dos seljúcidas. Durante o século XIV, eles emergiram perante a ruína de seus antigos senhores. A ascensão dos otomanos foi rápida. Próxima a eles estava a decadente Constantinopla que sequer conseguia controlar os negócios no Mediterrâneo. Em 1356, eles conquistam Galípoli e, em menos de uma década, adentram o território europeu. Nas décadas seguintes dominaram os Bálcãs orientais até o Danúbio e em 1389 já estavam às portas da Hungria.

O papa Clemente VI havia organizado uma Cruzada, em 1344, para conter os otomanos tendo recebido o apoio de alguns nobres europeus e dos cavaleiros Hospitalários de Rodes. Este esforço, que foi chamado de “a Liga Latina”, não obteve sucesso. Em 1360, Pedro de Lusignan, rei de Chipre, percorreu as cortes da Europa em busca de apoio para realizar uma nova investida contra os turcos. Conseguiram algumas vitórias como o saque de Alexandria em 1365<sup>8</sup>, mas não puderam conter os otomanos que continuaram ameaçando a parte oriental da Europa.

Na França, porém, não se tinha ideia da dimensão do problema. Bertrand du Guesclin que, no último quartel do século XIV, fora o mais importante articulador das estratégias francesas na Guerra dos Cem Anos, havia prometido liderar suas companhias contra os turcos, mas sua ajuda nunca chegou.

Uma das vozes mais insistentes, quanto ao perigo do avanço turco foi, sem dúvida nenhuma, Felipe de Mézières. Ele, um jovem clérigo que havia sido chanceler de Pedro de Lusignan, tinha vivido de perto o problema que os reinos

---

<sup>8</sup> “Por longos períodos no século XIV, os reis de Chipre, longe de entrarem em uma pacífica política de apaziguamento, estiveram ativos em fazer guerra contra o inimigo muçulmano. Esta política teve seu clímax com o saque de Pedro I [de Lusignan] à cidade de Alexandria.” (EDBURY, 1999: 61)

cristãos do Oriente enfrentavam naquele momento. Depois da morte de Pedro, ele voltou à França e a partir de então, realizar uma Cruzada passou a ser sua obsessão. Mézières percorria as cortes, mobilizava as pessoas por meio de sermões e espetáculos de teatro, com o objetivo de chamar a atenção para o avanço muçulmano. Mas só a partir de 1389, as notícias sobre as investidas turcas se tornaram mais constantes. A Hungria implorava por ajuda e durante a década de 90, as notícias que vinham do Oriente eram desesperadoras.

A década de 90 do século XIV marca, na França, uma oportunidade única para que o tema das Cruzadas fosse novamente pautado. (Cf. MAGEE, 1998). Carlos VI foi pressionado, desde o início de seu reinado, a ser um rei cruzadístico. O rei francês, *rex christianissimus*, carregava consigo essa responsabilidade. O monarca tinha tudo para estar alinhado a essa ideia, afinal de contas, seu tutor durante o período de sua menoridade, quando ele não poderia assumir o reino, fora ninguém menos do que Felipe de Mézières. Os *marmousets*, que administraram o reino até a maioridade de Carlos, eram também favoráveis a essa política de socorro aos cristãos orientais.

Alguns eventos ocorridos no ano de 1393 são importantes para a presente análise. Em Leulinghem, franceses e ingleses tentavam uma negociação de paz. Nobres de ambas as partes a desejavam e o rei inglês, Ricardo II, se esforçava para chegar a um acordo. O duque de Berry também estava presente. O perigo que os turcos representavam era um assunto que começava a preocupar a todos. Leão V, de Lusignan, que se dizia rei da Armênia, mas que em verdade só dominava Chipre, participou desse encontro. Ele estava lá com um único objetivo: pedir ajuda dos ingleses e franceses para combater os turcos. Os duques de Borgonha convocaram um outro partidário das Cruzadas para Leulinghem, Roberto, o Eremita. Este pedia aos nobres que fizessem a paz e se unissem, como cristãos, para impedir o avanço dos infiéis. Mas não houve entendimento. A cidade de Calais foi o principal motivo, pois os ingleses se negavam a devolvê-la ao domínio francês. Em meio às negociações, o rei Carlos VI foi atacado por outra crise de loucura tornando ainda

mais complicadas as conversações sobre a paz, que de fato, não pôde ser acordada naquela oportunidade.

Neste mesmo ano, Jean d'Arras terminava de escrever o *Romance de Melusina*. E o entendimento do significado da luta contra os muçulmanos nesta obra, deve passar pela compreensão do problema que os franceses enfrentavam naquele momento: deviam continuar lutando contra os ingleses, estendendo a guerra dentro da Cristandade, ou deveriam, assim como os Lusignan do *Romance*, socorrer os reis cristãos?

Apesar das guerras nunca terem desaparecido do contexto político e social da Cristandade medieval, a paz entre os cristãos, desde a Patrística, era considerado o valor mais elevado de todos. Nos debates teológicos do século XIV, a Guerra dos Cem Anos era considerada maléfica, antes de qualquer coisa, por se tratar de um conflito entre cristãos. As polêmicas acerca das Cruzadas vem, nesse sentido, concorrer para a pacificação dos reinos da França e da Inglaterra. E, isso não deixava de agradar a muitos senhores e, ao clero, em geral. Muitos poemas de Eustache Deschamps abordam esse tema: o fim da guerra entre França e Inglaterra, e a união dos cristãos para combater os infiéis (Cf. CONTAMINE, 1972). O ideal de pacificar os reinos aparece, portanto intimamente associado ao ideal cruzadístico.

Em vários episódios do *Romance de Melusina* esse desejo de união para combater os infiéis aparece como força motriz para a ação militar dos Lusignan. Uriã, para convencer Guido a ir com ele para o Oriente, diz: “Estou seguro, meu irmão, de que seria um ato de caridade socorrer esse rei contra os sarracenos”<sup>9</sup>. (D'ARRAS, J. 2003: 296).

Apesar de sempre chegarem reforços da Armênia e de Rodes, o *Romance* deixa claro que os cristãos do Oriente precisavam de muita ajuda para resistir aos muçulmanos. D'Arras tenta mostrar que há um esforço coletivo para ajudar na região. Em um episódio, ele assinala a presença de cerca de oitenta guerreiros estrangeiros para lutar na batalha de Famagusta (D'ARRAS, 2003: 328).

---

<sup>9</sup> “(...) ce seroit grand aumosne de secourir cellui roy contre les Sarrasins”.

Assim como acontecia no século XIV, no *Romance de Melusina* eram muitas as regiões em conflito, sendo sempre os muçulmanos responsáveis pelas incursões. Portanto, quando se referiu ao estabelecimento dos Lusignan em Chipre, Jean d'Arras usou como referência as relações entre os cristãos e os muçulmanos, especificamente os turcos otomanos, no final do século XIV. Jerusalém já não era o principal foco, e no *Romance de Melusina* Famagusta, importante cidade portuária de Chipre, toma seu lugar. De acordo com Jean d'Arras, é a presença dos infiéis naquela cidade, e não em Jerusalém, que leva os Lusignan ao Oriente. Em Famagusta acontecem as principais batalhas em que a família se envolve e, no final do século XIV, os otomanos, que sabiam da importância da cidade, esforçavam-se para conquistá-la. O fato dos cavaleiros Hospitalários de Rodes<sup>10</sup> serem os principais aliados dos Lusignan nas batalhas também não deve ser negligenciado já que durante o avanço otomano, foram eles os principais articuladores da defesa na região.

No *Romance de Melusina*, a Cruzada é, antes de tudo, um socorro que devia ser prestado aos reis cristãos exatamente como no final do século XIV, ainda que em alguns espíritos mais inflamados permanecesse o sonho de libertar o Santo Sepulcro. A situação de Chipre fazia parte dos debates políticos daquela época e Jean d'Arras, ao tentar tornar legítimo o poder dos Lusignan na região, faz de seu relato testemunha do dilema vivido pelos franceses naquele período. E a luta contra o infiel não aparece no *Romance* apenas porque este é o inimigo arquetípico na Idade Média (Cf. HOMET, 1989). De fato, o muçulmano é um personagem recorrente na literatura medieval como inimigo da fé cristã e símbolo do mal. Mas o contexto do final de século XIV nos mostra que eles eram um perigo real e que ameaçavam tomar os domínios cristãos na própria Europa. No *Romance* a Cruzada tem seu significado absorvido pela idéia de guerra santa, assim como no contexto em questão. Ideal de uma guerra louvável e meritória, porque santa e travada contra os inimigos da Igreja que via diminuindo, de forma acelerada, seu espaço de atuação.

---

<sup>10</sup> De acordo com Vincensini, a harmonia entre os Lusignan e os irmãos de Rodes contradiz a realidade do século XII. Cf. VINCENSINI, *op. cit.*

A partir do século XIV a Cristandade não fez mais verdadeiras tentativas de recuperar a Terra Santa, e na mesma época deixou de pregar a *crux cismarina* (“Cruzada do lado de cá dos mares”) contra os hereges e inimigos políticos do papado. O avanço dos turcos otomanos sobre as penínsulas anatólica e balcânica modificou o significado da Cruzada: esta deixou de ser uma guerra destinada a recobrar a Terra Santa ou libertar a Península Ibérica da presença moura, passando a ser uma guerra que visava defender a Europa contra os perigos da conquista otomana. (CARDINI, 2002: 482-483.)

“Todos os bons cristãos devem exterminar os inimigos de Nosso Senhor” <sup>11</sup>. (D’ARRAS, 2003: 532). Eis a guerra santa, evocada em um episódio que não deixa dúvidas acerca do fato de o *Romance de Melusina* ser uma testemunha do problema vivido pelos europeus em relação aos turcos, como veremos a seguir.

Antônio, autor dessa frase, havia partido com seu irmão Renaud, com o objetivo de conquistar glória e fama. Após muitas aventuras, eles são chamados para ajudar o rei da Boêmia, cujos domínios estavam sendo ameaçados pelos muçulmanos, que haviam cercado a cidade de Praga, na exata região onde os cristãos imploravam a ajuda ocidental, face às crescentes investidas turcas durante toda a década de 80 do século XIV.

Assim como Frederico da Boêmia, personagem do *Romance*, Pedro de Lusignan, Felipe de Mezières e Leão de Lusignan buscaram a ajuda da nobreza francesa para afastarem os muçulmanos daquelas regiões. Mas, ao contrário dos outros, na obra literária Frederico teve seu chamado atendido pelos irmãos de Lusignan que, mais uma vez, derrotaram os infiéis. Este, porém, não foi o destino dos reinos cristãos orientais que cederam à pressão turca.

Guilherme de Machaut, mesmo antes das Cruzadas se tornarem um assunto tão recorrente, já havia escrito em 1371 para o duque de Berry, *Prise de Alexandrie*, uma obra na qual narra como os cristãos liderados por Pedro de Lusignan, derrotaram os infiéis naquela ocasião. Esse fato revela não só o recorrente interesse

---

<sup>11</sup> “Tous bons crestiens sont tenus de destruire les ennemis de Nostre Seigneur”.

do duque pela história de alguém pertencente à linhagem dos Lusignan, mas também demonstra a importância do tema da luta contra os muçulmanos na corte de Berry.

É interessante notar que Jean d'Arras se estendeu na narrativa sobre uma conquista que os Lusignan estavam perdendo. A decadência dos Lusignan aparece no *Romance de Melusina* como decorrência do mau comportamento de Raimundo que, quebrando a promessa feita antes do casamento, segue Melusina em um dia de sábado e a vê em forma de serpente. A partir de então Melusina desaparece. Ela parte de Lusignan, sai voando pela janela e a família vai, aos poucos, perdendo tudo o que conquistou.

Melusina, porém continuou aparecendo em certas ocasiões: para cuidar dos filhos bebês que havia deixado; quando a fortaleza ia mudar de dono e ainda para avisar que algum de seus descendentes iria morrer. Ela aparecia também em Chipre:

[...] um cavaleiro poitevino, chamado Perceval de Colônia, que fora camareiro do bom rei de Chipre, jurou várias vezes para meu senhor que, quando estava em Chipre, a serpente apareceu para o rei, que assim relatou o fato a Perceval: -Perceval, estou muito preocupado. - Por que, senhor? - disse o cavaleiro.- Porque a serpente de Lusignan me apareceu. Tenho medo de que aconteça alguma desgraça dentro em pouco a mim e a meu filho Perrin, pois quando um dos descendentes dos Lusignan deve morrer ela se manifesta a quem vai morrer ou então fica rodeando a fortaleza.

E Perceval jurou que três dias depois aconteceram os temíveis fatos por todos conhecidos, o que foi uma pena, pois o rei foi assassinado à traição, como dizem. <sup>12</sup> (D'ARRAS, 2003: 814)

---

<sup>12</sup>“(...) un chevalier poitevin, nommé messire Perceval de Coulogne, qui fut chambellan du bon roy de Chippre, qui diste et jura a monseigneur par plusieurs foiz qu’il estoit en Chipre avecquez le roy auquel roy la serpente s’apparu et le dista u dit Perceval en telle maniere: ‘Perceval, dist le roy, je me doubte trop fort’. ‘Pour quoy, monseigneur’, dist le chevalier. ‘Par ma foy, dist le roy pour ce que j’ai veu la serpente de Lusegnen qui s’est apparue a moy si ay grant paour que il ne me viegne aucune perte dedens bruef jour ou a Perrin, mon filz, car ainsi s’appert elle quant aucun des hoirs de Lusegnen doivent mourir, a eulx ou en la forteresse.’ Et jura le dit Perceval a monseigneur que dedens tiers jour après, la dure adventure que chasun scet lui adint, dont ce fu pitié, s’il eust plu a nostre Seigneur, car il fu mort, si comme on dit, tresfausement”.

A legitimidade do poder dos Lusignan, através da mítica Melusina, foi mobilizada por Jean d'Arras em relação aos dois principais conflitos em que o autor via a França – contra os ingleses, durante a Guerra dos Cem Anos e contra os turcos quando eles avançavam rumo a Europa. A figura de Melusina, dessa forma é utilizada para garantir a legitimidade de quem interessava ao autor: do duque de Berry em Lusignan e dos cristãos no Oriente.

Jean-Jacques Vincensini afirma que a narrativa de Jean d'Arras sobre a ida dos Lusignan para o Oriente apresenta uma visão nostálgica das Cruzadas. Mas, a nosso ver, esse episódio tem vários aspectos que nos permitem interpretá-lo em seu sentido político, estando ligado não a uma espécie de saudosismo, mas antes a um debate diante de uma ameaça real vivenciada pela Europa no final do século XIV. Afinal, como afirma esse mesmo autor, “este romance é um livro de uma atualidade digna de fé. A história não é uma fábula, ela não aflora por trás do romance, ela é uma parte ‘real’ dessa obra (...)” (VINCENSINI, 2003: 29-30.)

As Cruzadas no *Romance de Melusina* têm dois aspectos importantes que também definem a função de todos os outros episódios na narrativa: por um lado o autor deve exaltar a linhagem e, nesse episódio em particular, seu compromisso era maior porquanto os Lusignan ainda dominavam algumas regiões que aparecem no *Romance*. Por outro, o contexto político do período e as disputas nas quais estava envolvido o patrocinador do romance, o duque de Berry, marcam profundamente sua presença na narrativa.

Guido de Lusignan participara no século XII de uma Cruzada. Os Lusignan de D'Arras, porém, envolveram-se em conflitos de natureza semelhante, com o espírito envolto nas discussões acerca da necessidade de conter o avanço dos turcos. Discussões de contornos religiosos, mas, sobretudo políticos, sem sombra de dúvida. Essa guerra santa no século XIV era idealizada e ainda percebida como objetivo a

ser priorizado em um bom reinado. Não por acaso, Carlos VI fazia planos a esse respeito, tendo de fato organizado uma expedição em 1395 para ajudar a Hungria. Os Cavaleiros Hospitalários de Rodes, assim como no *Romance de Melusina*, foram os principais aliados. Essa Cruzada havia envolvido vários nobres por toda a Europa: desde Navarra até Veneza. Mas os europeus foram derrotados e os turcos continuariam sua expansão durante todo o século seguinte.

O ideal remontava aos tempos áureos do rei cruzado, o cristianíssimo São Luís. A realidade da guerra contra os ingleses acabou impedindo que a prioridade fosse a defesa da Cristandade, provando que a efusão devocional, sozinha, não era capaz de reascender o fenômeno cruzadístico; uma mobilização prática e objetiva em torno desse tema tornava-se cada vez mais quimérica.

Como lembra Laurence Harf-Lancner a Guerra dos Cem Anos e a reconquista do Poitou são importantes para a interpretação do *Romance de Melusina*. Mas a “segunda chave do texto é o mito da Cruzada no século XIV, encarnado por Leão de Lusignan” (HARF-LANCNER, 1993: 31). Um representante da linhagem que o romance louvava, e que se esforçava pela realização das Cruzadas naquele período. A história dos Lusignan estava, devido à figura de Leão, intimamente relacionada ao avanço dos turcos no Oriente.

Jean d’Arras refere-se à libertação da Terra Santa somente no início da narrativa, dizendo que Palestina, a irmã de Melusina encarcerada no monte Canigu, guardaria um tesouro para esse fim que deveria ser retirado de lá por alguém de sua linhagem. Entretanto, d’Arras não dá nenhum desfecho a essa história, deixando a questão em aberto.

Já no *Romance de Melusina* de Coudrette, escrito entre 1401 e 1405, esse autor desenvolve longamente essa história no final da narrativa. Era Godofredo quem deveria ir ao monte Canigu para recuperar o tesouro e libertar a Terra Santa.

No entanto, Godofredo morre sem ter realizado essa missão<sup>13</sup>.

Se seguirmos a linha interpretativa de Harf-Lancner, podemos concluir que ao deixar a história de Palestina sem um fim, d'Arras permite que a tarefa ainda possa ser realizada, abrindo a possibilidade de que uma futura Cruzada, liderada por um Lusignan, pudesse reaver a Terra Santa. Já Coudrette, que escreveu o romance após a morte de Leão de Lusignan (+1393), não vê uma possibilidade tão nítida para que a profecia de Presina se cumpra. “A situação do Oriente Próximo ainda preocupa o Ocidente. Em 1399, o imperador de Constantinopla vem pedir ajuda em Paris e em Londres” (*idem*, p. 31). Entretanto, Palestina continua no monte em que está presa, esperando que alguém de sua linhagem possa libertar a Terra Santa. Mais uma vez, a figura de Melusina e a história de sua linhagem se relacionam ao contexto de sua composição, sendo testemunha de seus conflitos, debates e expectativas.

#### 4 - Entre a verdade dos fatos e verdade do sentido

Para finalizar essa reflexão, trazemos ao debate uma importante constatação de Michel Zink a respeito da literatura medieval. Segundo ele, Chrétien de Troyes inovou nos romances do século XII ao buscar, em suas narrativas, provar não verdade dos fatos ocorridos, mas a verdade da lógica proposta e seguida pela narrativa. Teria sido a partir de obras como Tristão, Éric e Enide e Lancelote do Lago que grande parte dos romances deixa de reivindicar a verdade dos fatos em favor da verdade do sentido (Cf. ZINK, 2002). Sem sombra de dúvidas podemos verificar essa mesma tendência em Jean d'Arras. As tentativas de se confirmar a veracidade histórica dos fatos que ele narra, como, por exemplo, o modo como os Lusignan participaram das Cruzadas, se tornam frustradas. Em várias passagens há mesmo uma incongruência em relação ao tempo.

---

<sup>13</sup> Entre 1401 et 1405, Coudrette escreve basicamente a mesma história de Jean d'Arras, ligando os Lusignan à Melusina. O *Melusina* de Coudrette foi escrito em versos sob encomenda de Guilherme L'Archevêque, senhor de Parthenay.

Quando Melusina parte ela é uma jovem mãe que ainda amamenta os filhos. Alguns dias depois, quando Godofredo volta de uma de suas expedições, ela encontra esses mesmos filhos adultos. O autor pretende que os fatos que vai narrar tenham sentido, sejam verossímeis, mas sem ter preocupação com uma suposta objetividade histórica; D'Arras utiliza o passado que deve fazer sentido para que o objetivo no presente seja alcançado.

É da seguinte forma que d'Arras inicia seu relato: “No início de todas as coisas, deve-se invocar o Criador das criaturas, Mestre de todas as coisas feitas e por fazer, quer devam elas chegar à forma perfeita, quer devam ter finalização conforme a imperfeição das criaturas.” (D'ARRAS, J. 2003: 111).<sup>14</sup> Embora o autor não cite, nesse início de Prólogo há uma importante idéia aristotélica, segundo a qual nada é contingência<sup>15</sup>. Todas as coisas têm uma finalidade, tendendo algumas à beleza, e outras ao erro. D'Arras nesse momento faz uma dupla advertência – em relação à obra propriamente dita, a qual ele começa a narrar, já se desculpando pela imperfeição de seus atributos como escritor, e, em relação à história que vai narrar: a de uma família, cuja história foi fadada a um trágico fim, e cujos integrantes tinham características físicas excêntricas; sua finalidade não era o belo. D'Arras, porém, acrescenta a idéia de que tudo faz parte do propósito divino, e mesmo o que parece um erro está de acordo com os planos de Deus, já que dessa forma Ele pode expressar a grandiosidade de seus desígnios e revelar a verdade.

A verdade perseguida pelo autor e atestada pelas autoridades citadas, servia para o objetivo último da obra que era legitimar o poder do duque de Berry naquela região. Ele próprio, ao pedir o relato a Jean d'Arras, pretendia conhecer a verdade sobre o assunto: “ele desejou conhecer a verdade mais exata naquilo que lhe era

---

<sup>14</sup> “En toutes choses commencer on doit appeller le Createur des creatures qui est maistre de toutes les choses faictes et a faire qui doivent tendre a perfection de bien et les autres parvenir selon les vices des creatures.”

<sup>15</sup> A ideia da finalidade das coisas está presente nas seguintes obras de Aristóteles: Metafísica, XI, 8 e XIII, 3; Física, II, 8.

possível.” (D’ARRAS, 2003: 111).<sup>16</sup> A estratégia construída por d’Arras tinha como finalidade não deixar dúvidas em relação àquilo que tornava indubitável a autoridade do duque sobre o castelo. Afinal, o próprio Jean de Berry se dizia descendente de Melusina. Ele próprio seria parte desta história, em que as *mirabilia* abundavam. Apesar de espantosos, esses fatos deveriam ser aceitos como naturais, pertencentes ao plano divino e capazes de revelar a verdade mais importante: a que Jean de Berry era o legítimo senhor de Lusignan. Essa verdade não poderia ser revelada na descrição objetiva do encadeamento de fatos históricos comprovados. Ela só poderia transparecer na medida em que a narrativa pudesse construir um sentido entre a plausibilidade de uma ascendência feérica, a construção de um poder senhorial e o potencial de mobilização política em torno de questões centrais naquela fase da Guerra dos Cem Anos.

Tomemos o conceito de François Hartog para quem os regimes de historicidade são “os diferentes modos de articulação das categorias passado, presente e futuro. Conforme a ênfase seja colocada no passado, no futuro ou no presente, a ordem do tempo não é, com efeito, a mesma.” (HARTOG, 2013: 166.) Ao pensarmos a respeito do “regime de historicidade” sob o qual o *Romance de Melusina* foi escrito percebemos uma forma particular de estabelecer a relação entre passado e o presente. O passado cruzadístico, nessa obra, não foi tomado como simples repositório de fatos gloriosos e memoráveis, ou ainda como um modelo a ser repetido, mas como um *locus* de discussão propício para a projeção de questões e problemas reais vividos no momento em que a obra fora composta. Sendo assim, não seria relevante uma precisão histórica aos moldes da historiografia moderna e contemporânea. O compromisso assumido com a verdade, alardeado pelo autor em vários pontos do *Romance*, não está relacionado a uma descrição fidedigna dos fatos frios e objetivos; trata-se de uma verdade construída em torno de concepções de legitimidade de poder, aqui relacionada à posse de Lusignan pela coroa francesa e, ao mesmo tempo, à verdade enfrentada diante da continuidade do conflito contra os

---

<sup>16</sup> “lyquelz a tant fait que qu’il en a sceu au plus prez de la droite verité qu’il a peu”.

ingleses: o discurso da guerra santa seria capaz de superar todos os interesses envolvidos naquela fase da Guerra dos Cem Anos?

## Referencias bibliográficas

### Fontes primárias:

COUDRETTE. *Le Roman de Mélusine*. Tradução, introdução e notas de Laurence Harf- Lancner. Flammarion: Paris, 1993.

D'ARRAS, Jean. *Mélusine ou La noble Histoire des Lusignan*. Nova edição crítica após o manuscrito da Biblioteca do Arsenal, com as variantes de todos os manuscritos. Tradução, apresentação e notas de Jean-Jacques Vincensini. Paris: Librairie Général Française, 2003.

\_\_\_\_\_. *Romance de Melusina ou A história dos Lusignan*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

### Livros e artigos:

AUTRAND, Françoise. *Jean de Berry. L'art et le pouvoir*. Paris: Fayard, 2000.

CARDINI, F. “Guerra e Cruzada”. In: LE GOFF, J. e SCHMITT, J. C. op. cit. pp. 482-483.

CONTAMINE, Philippe. *Guerre, état, et société à la fin du Moyen Age – études sur les armées des rois de France. 1337-1494*. Paris: Mouton, 1972.

\_\_\_\_\_. *La France au XIVe et XVe siècles. Hommes, mentalités, guerre et paix*. Londres: Variorum Reprints, 1981.

EDBURY, P. “The state of research. Cyprus under the Lusignans and Venetians, 1991-1998”. In: *Journal of Medieval History*. V. 25, n. 1. (1999). p.57-65. p.61.

FLORI, Jean. *Guerra Santa*. Formação da ideia de cruzada no Ocidente cristão. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. Campinas: Editora da UNICAMP, 2013.

HARF-LANCNER, Laurence. *Les Fées au Moyen Age - Morgane et Mélusine: La naissance des fées*: Champion Honoré, 2000.

HARTOG, F. “Experiências do tempo: da história universal à história global?” In: *História, histórias*. Brasília, vol. 1, n. 1, 2013. P. 164-179.

HOMET, Raquel. “Une conception politique nobiliaire au temps de la Guerre de Cent Ans”. *Journal of Medieval History*, v. 15, 1989, p. 309-327.

HUOT, Sylvia. “Dangerous embodiments: Froissart's Harton and Jean d'Arras's Mélusine”. *Speculum*, n. 78: 2, 2003, p. 400-420.

LECOUTEUX, C. “La structure des légendes melusiniennes”. *Annales. E.S.C.* (1978) p. 294-306.

LE GOFF, Jacques & LADURIE, Emmanuel Le Roy. “Mélusine maternelle et défricheuse”. *Annales E.S.C.*, 26, 1971, p. 587-616. 617-620.

LE GOFF, Jacques & SCHMITT, Jean Claude. *Dicionário temático do Ocidente Medieval*. São Paulo: Edusc, 2002.

MAGEE, James. "Crusading at the court of Charles VI, 1388-1396". *French History*, vol. 12, 1998, p. 367-383.

TALMANT, Pierre. "Le soleil, un emblème redoutable: une lecture typologique de la crise de folie du roi Charles VI". *Journal of Medieval History*, v. 24, n. 1, 1998, p. 23- 64.

VINCENSINI, J-J. *Pensée mythique et narrations médiévale*. Paris: Honoré Champion, 1996.

ZIMMERMANN, Michel (org.). *Auctor & auctoritas*. Invention et conformisme dans l'écriture médiévale. Paris: École de Chartes, 2001.

ZINK, M. "Literatura (s)". In: LE GOFF, J. e SHIMIDTT, J.C. *Dicionário temático do Ocidente Medieval*. São Paulo: Edusc, 2002. pp.79-93.

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz*. A 'literatura' medieval. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

\_\_\_\_\_. 'Y a-t-il une 'littérature' médiévale?'. *Poétique*, n. 66, avr. de 1986, p. 131-139.